

**A concepção de Pandora e a dimensão social da mulher
helênica: interfaces entre divindade e ser humano**
**The Crafting of Pandora and the Social Dimension of the Hellenic
Woman: The interface between human and divine**

LEANDRO MENDONÇA BARBOSA (*Universidade Católica Dom Bosco — Brasil*)¹

Abstract: When we address the issue of women in Hellenic society, we are faced with different pathways, each leading to additional parameters. In this paper, we propose a case study of Greek religious events — both in texts and images — pertaining to Pandora, the first mortal woman created by the gods. We will reflect on the concept and image of this deity, and discuss how the analysis of sources can, in some respects, reflect the Greek ideal of the female figure.

Keywords: Pandora; Greek woman; Hesiod; religiosity; iconography.

Pandora é uma misteriosa criatura referida por Hesíodo, que seria a primeira mulher mortal. Criada por Hefesto e Atena, a pedido de Zeus, não temos, além dos Poemas Hesiódicos e um passo da comédia *As Aves*, outras fontes escritas que retratam esta deusa, ao menos que sobreviveram até à contemporaneidade². Pandora está intrinsecamente associada à narrativa mítica de outras duas figuras, os irmãos Prometeu³ e Epimeteu⁴. É no mito destas duas criaturas, narrado por Hesíodo, que Pandora se faz presente.

Texto recebido em 29.09.2015 e aceite para publicação em 20.01.2016.

¹ leandromemorialista@gmail.com

² SILVA (2006) informa que poderia haver um mito paralelo com uma outra Pandora, filha de Erecteu, lendário rei de Atenas; esta Pandora seria deusa da terra e se assemelharia a Reia, sendo venerada tanto em Atenas quanto em outros locais da Grécia sob esta designação.

³ Titã, era um astuto filho de Jápeto e Clímene. Roubou o fogo dos deuses e entregou-o aos mortais, pois era um amante da humanidade, criação sua; como castigo, Zeus o acorrentou a um rochedo, de forma que o fígado de Prometeu era devorado por uma águia durante o dia e regenerado durante a noite. Deste modo, o castigo seria eterno.

⁴ Também titã, era irmão de Prometeu. Responsável por criar os seres mortais, atribuiu qualidades aos animais e, quando chegou aos homens, não havia mais nada a ser dado. Então seu irmão Prometeu rouba o fogo dos deuses e o entrega aos humanos, fazendo destes seres superiores aos animais.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 18 (2016) 11-32 — ISSN: 0874-5498

Não é consensual o local de origem dos cultos dedicados a Pandora. O LIMC — *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* — atesta que esta criatura poderia ser uma deusa pré-grega, quem sabe uma deidade que nasce do tronco indo-europeu da grande deusa-mãe, em um paralelo com o Oriente Antigo⁵. Sendo Pandora uma deidade que faz parte do mito da criação dos seres-humanos, é possível esta associação com a antiga deusa-mãe. Todavia, outros especialistas atestam que, por muito tempo, foi aludida uma possível relação de Pandora com divindades do submundo, devido à etimologia de seu nome:

Tatsache ist, daß der name πανδορα als Epiklese besonders für chthonische Gottheiten auftritt. Allerdings wurden daraus unterschiedliche Schlußfolgerungen gezogen. Haben zahlreiche Forscher in Pandora eine alte Erdgöttin sehen wollen, so glaubten andere, daß sich Pandora erst später als selbständige Gottheit abgespalten. Andererseits wurden die Existenz eines vorhesiodeischen Naturmythos und somit eine originäre Verbindung von Pandora zur Erdgöttin bzw. Muttergöttin abgelehnt und gewisse antike Hinweise hierfür als späte, rationalistische Interpretationen der hesiodeischen Sage angesehen⁶.

Embora seja muito difícil atestar uma ligação com as criaturas do mundo dos mortos, é certo que Pandora, sendo associada ao mundo subterrâneo ou à deusa-mãe, ou ainda a divindades da natureza, possui uma matriz ctônica em sua concepção, também devido ao caráter misterioso e soturno que esta deusa assume. Não encontramos na documentação menção a rituais ou templos dedicados a Pandora, o que nos faz concluir que era uma deidade pouco cultuada e, mesmo que ritos houvesse, estes eram enigmáticos e pouco conhecidos pelas camadas mais abastadas economicamente.

Nas duas obras de Hesíodo que chegaram até nós, *Teogonia* e *Os Trabalhos e os Dias*, ambas do século VII a.C., são dispensados passos a descrever Pandora e principalmente suas ações, que acabaram por condenar toda a humanidade a uma vida de sofrimentos. Como a ordem cronológica de escrita dos dois poemas não é conhecida, comecemos com a *Teogonia*. Neste poema, Hesíodo narra a criação dos seres-humanos por parte de Prometeu e Epimeteu, e é neste contexto que Pandora aparece, embora ainda sem nome:

⁵ OPPERMANN (1994) 163.

⁶ *Idem* 164.

*E criou já ao invés do fogo um mal aos homens:
plasmou-o da terra o ínclito Pés-tortos
como virgem pudente, por desígnios do Cronida;
cingiu e adornou-a a Deusa Atena de olhos glaucos
com vestes alvas, compôs um véu laborioso
descendo-lhe da cabeça, prodígio aos olhos,
ao redor coroas de flores novas da relva
sedutoras lhe pôs na frente Palas Atena
e ao redor da cabeça pôs uma coroa de ouro,
quem a fabricou: o ínclito Pés-tortos
lavrando-a nas mãos, agradando a Zeus pai,
e muitos labores nela gravou, prodígio aos olhos,
das feras que a terra e o mar nutrem muitas
ele pôs muitas ali (esplendia muita a graça)
prodigiosas iguais às que vivas têm voz.
Após ter criado belo o mal em vez de um bem
levou-a lá onde eram outros Deuses e homens
adornada pela dos olhos glaucos e do pai forte.
O espanto reteve Deuses imortais e homens mortais
ao virem íngreme incombátível ardil aos homens.
Dela descende a geração das femininas mulheres.
Dela é a funesta geração e grei das mulheres,
grande pena que habita entre homens mortais,
parceiras não da penúria cruel, porém do luxo.
Tal quando na colmeia recoberta abelhas
nutrem zangões, emparelhados de malefício,
elas todo o dia até o mergulho do sol
diurnas fadigam-se e fazem os brancos favos,
eles ficam no abrigo do enxame à espera
e amontoam no seu ventre o esforço alheio,
assim um mal igual fez aos homens mortais
Zeus tonítro: as mulheres, parelhas de obras
ásperas, e em vez de um bem deu oposto mal.
Quem fugindo a núpcias e a obrigações com mulheres
não quer casar-se, atinge a velhice funesta
sem quem o segure: não de víveres carente
vive, mas ao morrer dividem-lhe as posses
parentes longes. A quem vem o destino de núpcias
e cabe cuidosa esposa concorde consigo,
para este desde cedo ao bem contrapesa o mal
constante. E quem acolhe uma de raça perversa
vive com uma aflição sem fim nas entranhas,*

*no ânimo, no coração, e incurável é o mal.
Não se pode furtrar nem superar o espírito de Zeus
pois nem o filho de Jápeto o benéfico Prometeu
escapou-lhe à pesada cólera, mas sob coerção
apesar de multissábio a grande cadeia o retém⁷.*

Neste passo, Hesíodo tratada da concepção e caracterização da primeira mulher humana, que na verdade foi fabricada a pedido de Zeus, no desejo de se vingar de Prometeu. A vingança seria devido a um banquete para selar a paz entre mortais e imortais, em que Prometeu, em uso da *ankylometis* — já que Zeus é quem possui a *metis* — engana⁸ Zeus por meio de um estratagema; apresenta duas oferendas: a primeira é composta por boa carne debaixo de um repulsivo estômago de boi; a outra apresenta uma reluzente gordura, contudo por baixo escondem-se somente ossos. Zeus escolhe a segunda e fica com os ossos. Deste mito etiológico consta a razão dos homens, aquando do sacrifício de animais, ficarem com a carne e oferecerem os ossos envoltos em gordura para os deuses.

Irado, Zeus retira o fogo dos humanos, que é furtado por Prometeu, deixando o deus do Olimpo ainda mais furioso. Além de castigar Prometeu, Zeus pede aos deuses que confeccionem uma mulher e que esta distribua os males entre os seres humanos. O responsável pela criação é Hefesto⁹, mencionado por Hesíodo como o “Pés-tortos”. Ao contrário da maioria das deidades ditas ctônicas, Pandora se manteve virgem — uma condição muito mais cara às deusas olímpicas, e não a uma ctônica como ela — e foi trajada assim por Atena, sendo esta também uma deusa virgem. A virgindade de Pandora atestaria para a importância da virgindade para a mulher helênica, tendo de se conservar “pura” até o matrimônio.

⁷ Hes. *Theog.*, 571-617.

⁸ Hesíodo deixa espaço para duvidarmos deste “engana”; porém, é certo de que Zeus é confundido por Prometeu e depois se enfurece.

⁹ Filho de Zeus e Hera — ou somente de Hera, segundo algumas tradições — Hefesto seria um deus manco e muito feio. Casado com Afrodite, era o deus ferreiro, responsável por magníficos armamentos para as divindades. Cultuado nas oficinas e locais de manufaturas, seus símbolos eram um martelo e uma bigorna; por vezes, ainda, foi representado com um machado.

A representação de Pandora como a primeira mulher, pois todas descendem dela — como afirma Hesíodo — assenta na questão do patriarcado recorrente na sociedade Grega. Embora na *Teogonia* não fiquem claras as ações de Pandora em espalhar os males para a humanidade, se torna óbvio que a criatura criada como um capricho de Zeus, para sua vingança, leva os males aos homens mortais; e quem leva os males é uma mulher.

A formação do patriarcado se dá, sucintamente, da necessidade dos povos de formar e organizar exércitos e campanhas militares para proteção, e também para expansão de territórios, aliado ao fato da necessidade de mão de obra física para construção de casas, palácio, templos e, mais tardiamente, prédios públicos¹⁰; o homem, com a força física adquirida devido à necessidade da caça, ainda no período Paleolítico, estava biologicamente mais apto a estas funções, o que fez com que sobressaísse fisicamente em relação à mulher.

Sabemos que a visão tradicional da historiografia, colocando que a mulher grega não possuía nenhuma função para a *polis* e para o próprio andamento da comunidade, está deveras superada, haja vista a atribuição de responsabilidade das mulheres em relação ao próprio bem-estar dos *oikoi* — e sem um *oikos* estruturado, os homens não desempenhariam suas funções satisfatoriamente — e as festas, algumas delas atribuídas exclusivamente as pessoas do sexo feminino. Destarte, não podemos negar que a mulher era concebida como um ser inferior ao homem, e que a Grécia era essencialmente patriarcal, inclusive na divisão social, pois esta mulher do *oikos*, que era vista como respeitável por ter um marido e um lar, seria considerada de má reputação se não estivesse casada, ou se andasse pelas ruas sozinha. Já o homem, além de seu *status quo* social, que deveria ser zelado por meio da tradição familiar, de suas posses e de seu trabalho, também é quem detinha os meios de produção¹¹; deste modo, era a figura masculina que regeria a economia, a política e grande parte da vida cultural em toda a Antiguidade. A hierarquia na qual a mulher seria assentada se daria pelos laços que ela possuía com seu marido.

¹⁰ LERNER (1986) 57.

¹¹ LERNER (1986) 215.

Estabelecendo uma analogia entre este patriarcado vigente na Grécia com a documentação hesiódica que apresenta Pandora, é possível a proposição de que Hesíodo, assim como todos os outros indivíduos que detinham a cultura letrada neste período, era um representante de uma elite — seu pai era proprietário de terras na região da Beócia — e coloca a figura da mulher da forma como era a concepção social do período: embora um ser almejado e necessário para a reprodução, o que creditaria certa importância à mulher, esta era problemática, devendo ser vista com cautela por parte da comunidade.

No catálogo que foi organizado em forma de livro por Ellen Reeder, intitulado *Pandora: Women in Classical Greece*, percebemos nas discussões presentes como Pandora reforça uma imagem multifacetada da mulher Grega — sobretudo a ateniense — e como se associa a outros mitos que demonstram a moça solteira e a dificuldade na transição para o casamento¹². Pandora simboliza estes dois momentos do feminino, pois é a mulher casta, mas também a que está pronta a se casar com um titã, como será apresentado mais à frente.

É possível, além de Hesíodo, trabalhar com outros documentos deste período arcaico para compreender a visão de parte da sociedade sob a mulher. No fragmento que sobreviveu ao tempo e chegou até nós da obra *Sátira Contra as Mulheres*, do poeta Semônides de Amorgos, produzida na primeira metade do século VII a.C. — por isto provavelmente contemporânea a Hesíodo — há a imagem da mulher como um ser grotesco e até traiçoeiro. Nesta obra mulheres são comparadas com animais e, à exceção da abelha — *melissa* —, todos os outros aspectos femininos são pejorativos. A mulher é ardilosa, suja, egoísta e desprovida de inteligência, como se percebe já nos primeiros versos:

*Diferente o deus fez o carácter da mulher,
no início. Uma fê-la da porca de longa cerdas;
em sua casa tudo está repleto de imundice,
em desordem ou a rolar pelo chão.
Ela própria, suja, com roupas não lavadas,
sentada no meio do esterco, engorda*¹³.

¹² REEDER (1995) 18.

¹³ Semon. Amo. Sát. Gyn.-fr.7, 1-6.

Embora esta imagem possa ter sido a opinião isolada de um poeta do período arcaico, acreditamos, pelo que nos vai colocar Hesíodo e pela própria concepção de Pandora, que esta era uma opinião predominante na sociedade deste século VII a.C. acerca da figura feminina.

A obra hesiódica *Os Trabalho e os Dias* é a mais completa em relação a Pandora. É neste poema, inclusive, que a mulher fabricada a mando de Zeus recebe seu nome. Da mesma forma que na *Teogonia*, nesta obra é descrita a concepção de Pandora, mas desta vez é detalhada como a criatura que, devido a sua curiosidade, espalha os males pela humanidade. Neste primeiro passo, Hesíodo cita vários deuses que irão adornar e conceder atributos ao recém-criado ser:

*Disse assim e gargalhou o pai dos homens e dos deuses;
ordenou então ao ínclito Hefesto muito velozmente
terra à água misturar e aí pôr humana voz e
força, e assemelhar de rosto às deusas imortais
esta bela e deleitável forma de virgem; e a Atena
ensinar os trabalhos, o polidéládeo tecido tecer;
e à áurea Afrodite à volta da cabeça verter graça,
terrível desejo e preocupações devoradoras de membros.
Aí pôr espírito de cão e dissimulada conduta,
determinou ele a Hermes Mensageiro Argifonte.
Assim disse e obedeceram a Zeus Cronida Rei.
Rápido o ínclito Coxo da terra plasmou-a
conforme recatada virgem, por designios do Cronida;
Atena, deusa de glaucos olhos, cingiu-a e adornou-a;
deusas Graças e soberana Persuasão em volta
do pescoço puseram colares de ouro e a cabeça,
com flores vernais, coroaram as bem comadas Horas
e Palas Atena ajustou-lhe ao corpo o adorno todo.
Então em seu peito, Hermes Mensageiro Argifonte
mentiras, sedutoras palavras e dissimulada conduta
forjou, por designios do baritonante Zeus. Fala
o arauto dos deuses aí pôs e a esta mulher chamou
Pandora, porque todos os que têm Olímpia morada
deram-lhe um dom, um mal aos homens que comem pão¹⁴.*

¹⁴ Hes. Op.59-82.

Assim Hesíodo atesta: Pandora foi feita da mistura de terra e água: do barro. Em diversas culturas por toda a Antiguidade, o ser humano foi criado por meio do barro. Este, ao contrário da límpida água, é uma simbolização do impuro, uma involução, o início de uma degradação¹⁵; como o homem é a semelhança imperfeita dos deuses, é um ser de pouca evolução, nasce do barro, em uma associação com o manchado, o sujo e o inferior. Na tradição mítica grega, Prometeu cria os homens também através do barro. Pandora, criada do barro remete, além da impureza humana, para um princípio matriarcal, da terra¹⁶, sendo a ascendente de todas as mulheres¹⁷.

Da mesma forma, o fato de a criatura provir do barro tornaria claro seu aspecto duplo de mulher e terra, tendo como função a fertilidade agrícola e a sementeira — quem sabe se ligando a Cora¹⁸. Nesta idade do ferro hesiódica, o homem tem de labutar; lavra a terra, planta e colhe o alimento desta: Pandora vinda do barro seria, também, a representação de uma reprodução da vida, simbolizada pela fecundação das sementes e da proveniência dos alimentos¹⁹.

Este matriarcado referente à deusa também seria mais uma associação com a ctônica Grande Mãe-Terra. Esta associação com as deusas férteis e com a própria fecundidade está no fato de Pandora representar a sexualidade: anterior a ela, não havia o elemento feminino e o ciclo da vida não poderia ser gerado²⁰. É somente com o aparecimento do gênero feminino que os seres humanos se tornam seres sexuais. O elemento terra que Hesíodo associa a Pandora, de acordo com algumas análises, ligaria esta deusa

¹⁵ CHEVALIER (1986) 179.

¹⁶ CHEVALIER (1986) 179.

¹⁷ Vários trabalhos já se dedicaram a uma comparação entre Pandora e Eva. Não adentraremos nesta discussão para não cairmos em uma História Comparada das Religiões; porém, deixamos de referência SCHMITT/VERNANT (2002).

¹⁸ A outra face da deusa Perséfone, com prerrogativas agrárias. Associada a sua mãe Deméter, Cora era responsável por cultos agrários, sendo representada com flores. Recebia este epíteto no momento em que saía do mundo dos mortos, em que “brotava da terra como uma planta” e passaria a auxiliar sua mãe na vida campestre.

¹⁹ VERNANT (1990) 39.

²⁰ VERNANT (1990) 61.

a Cora²¹, que também vem da terra, quando sai do mundo inferior. Quando tratarmos da arte em cerâmica relativa a Pandora retomaremos esta questão.

Sabe-se que a região da Beócia, onde Hesíodo nasceu e viveu, é inhóspita, com verões quentes e invernos rigorosamente frios, de um solo estéril e de pouca produção, embora com tradição agrária, sendo esta a principal atividade, pois se encontra distante do mar. Se configura, então, como uma terra escassa, em um ambiente de crise agrícola e social²². Todos estes contrastes pelos quais Hesíodo passou fizeram com que o poeta acreditasse que, na era em que vivera, que batizou de idade do ferro, os homens não poderiam atingir a plenitude da felicidade. Deste modo, o mito de Pandora poderia ser etiológico: uma das formas prováveis que Hesíodo encontrou para explicar o porquê de os deuses terem castigado os homens seria o advento da primeira mulher, que distribui os males para a humanidade.

Todas as divindades que concedem atributos a Pandora ou que a adornam com enfeites femininos são uranianas. Nem sequer Hermes, que possui um viés ctônico, aparece com esta faceta, pois não é o *psicopompo*, e sim o Mensageiro. Até mesmo as Graças, que são criaturas associadas à natureza, são muito mais olímpicas do que telúricas, pois estão relacionadas com a uraniana Afrodite.

As deusas Atena e Afrodite ensinam a Pandora predicados relativos às mulheres do *oikos*: Atena preleciona a deusa o ofício de tear. O tear era uma simbolização da mulher do *oikos*, aquela mulher focada nos afazeres do lar. Em Pandora, este simbolismo exerce a exata função de incutir na primeira mulher fabricada a predisposição para os afazeres de *melissa*, pois era o que se esperava de uma esposa²³. Já Afrodite a instrui a ter graça — *cháris* — essencial às mulheres. A graça da deusa da paixão é o próprio prazer sexual e carnal com uma fêmea, pois antes da mulher estes deleites inexistiam no mundo²⁴. Por ter acabado de nascer, Pandora é virgem, também uma prerrogativa das mulheres até à união matrimonial.

²¹ HARRISON (1903) 284.

²² LAFER (1996) 15.

²³ REEDER (1995) 22.

²⁴ LAFER (1996) 73.

É interessante o fato de duas deusas que se contrapõem e se complementam em suas características serem as responsáveis por moldar a primeira mulher humana: a sexualidade e beleza de Afrodite se unem à batalhadora, temperante e virgem Atena²⁵.

Hermes concede a Pandora, a pedido de Zeus, a mente de um cão — *nóon kynóon*. Esta mente poderia designar uma fidelidade em suas condutas. É certo que a fidelidade deveria ser característica essencial às mulheres: fidelidade a seu marido, ao *oikos* do qual fazia parte, aos seus afazeres e aos costumes sociais e morais da *polis*. Neste ponto Pandora seria a representação da *melissa*; é o ideal de mulher a ser seguido por todas as suas descendentes. Contudo uma outra interpretação é possível: Hermes — associado também aos ladrões, mercenários e astutos — colocou outras prerrogativas más, que também eram atribuídas às mulheres: a mentira, as palavras sedutoras que poderiam enganar e confundir, além da dissimulação, esta cara tanto aos ladrões quanto aos cães astutos.

Se formos comparar com a obra contemporânea *Os Trabalhos e os Dias*, a *Sátira Contra as Mulheres* de Semônides de Amorgos, onde também há a comparação da mulher ao cão, a questão se iguala ao segundo ponto por nós apresentado:

*Outra fê-la da cadela malvada, tal qual a mãe;
ela deseja tudo ouvir e tudo saber,
tudo revistando e tudo revirando,
ladra, mesmo que não veja viv'alma.
Um homem não pode silenciá-la, nem com ameaças,
nem se, irritado, lhe partir os dentes
com uma pedra, nem com falas doces,
nem se, por acaso, estiver sentada junto de hóspedes;
mesmo assim, grita sem parar e não há nada a fazer²⁶.*

Na Grécia Antiga o cão possuía uma conotação bastante negativa, estando associado a características como vergonha, cinismo, insensatez e irresponsabilidade²⁷. Deste modo tanto em Semônides de Amorgos — e isto fica claro pelo passo supracitado — quanto em Hesíodo a mulher, e no caso

²⁵ LAFER (1996) 71.

²⁶ Semon. Amo. Sát. Gyn-fr.7, 12-20.

²⁷ SILVA (2008) 17.

de Hesíodo, Pandora, se encontrava em um estágio inferior ao homem e era referida de uma forma pejorativa.

Mas neste passo percebemos também que Pandora seria a mulher ideal e, da mesma forma, a imperfeita vinda do barro, a sexualizada da qual agora o homem depende para continuar o ciclo da vida:

Pandora é ligada à ideia do alimento que vem da terra e à instituição do casamento; ela é agora uma gyné gameté, uma mulher-esposa com quem deve se ligar o homem; da mesma forma que ele deve colocar a semente na terra, deve igualmente colocar a semente dentro dela para procriar²⁸.

As mulheres, de uma forma geral, eram vistas como seres inferiores aos homens nas acepções políticas e sociais. De fato, a documentação que nos chega deste período da História, essencialmente escrita por homens, não concedia voz aos costumes e anseios femininos²⁹. Pandora, como a primeira mulher criada, não espalhou somente os males pela Terra; também trouxe consigo as características ruins presentes em todas as mulheres que, conforme os homens, estes detentores do poder — inclusive o poder da escrita —, faziam delas seres inferiores e passíveis de críticas.

No passo a seguir, Hesíodo coloca:

*E quando terminou o íngreme invencível ardil,
a Epimeteu o pai enviou o ínclito Argifonte
veloz mensageiro dos deuses, o dom levando; Epimeteu
não pensou no que Prometeu lhe dissera jamais dom
do olímpio Zeus aceitar, mas que logo o devolvesse
para mal nenhum nascer aos homens mortais.
Depois de aceitar, sofrendo o mal, ele compreendeu.
Antes vivia sobre a terra a grei dos humanos
a recanto dos males, dos difíceis trabalhos,
das terríveis doenças que ao homem põem fim;
mas a mulher, a grande tampa do jarro alçando,
dispersou-os e para os homens tramou tristes pesares.
Sozinha, ali, a Expectação em indestrutível morada
abaixo das bordas restou e para fora não
voou, pois antes repôs ela a tampa do jarro,
por desígnios de Zeus porta-égide, o agrega-nuvens.*

²⁸ LAFER (1996) 62.

²⁹ LESSA (2010) 67.

*Mas outros mil pesares erram entre os homens;
plena de males, a terra, pleno, o mar;
doenças aos homens, de dia e de noite,
vão e vem, espontâneas, levando males aos mortais,
em silêncio, pois o tramante Zeus a voz lhes tirou.
Da inteligência de Zeus não há como escapar³⁰.*

Sendo uma mulher extremamente bela, o irmão de Prometeu, Epimeteu, a desposa, ignorando os conselhos de seu irmão para que nunca aceite dons de Zeus. Prometeu, conforme o nome significa, contraiu uma pré-ciência dos acontecimentos³¹. Casada, Pandora libera os males, pois traz consigo um jarro³² — *píthos* — liberando moléstias pela Terra. Estava feito o que foi almejado por Zeus, pois o roubo do fogo deveria ser pago: é o fim da idade do ouro; agora os homens dependerão da terra. Antes, os alimentos cresciam espontaneamente. A partir de agora os seres humanos terão de lavar o solo: o nascimento dos alimentos depende da terra assim como a continuidade da geração de seres humanos agora depende do ser vindo do barro³³. O homem torna-se dependente desta acepção telúrica: a terra. Pandora, deste modo, seria uma alegoria da terra firme, do solo.

Assim como o jarro — o *phítos* era um jarro doméstico utilizado para o armazenamento de grãos colhidos, daí mais uma associação da deusa com o ctonismo e a terra —, Pandora vem do barro e parece ser moldada por Hefesto como se ele moldasse um jarro: a representação de Pandora vir empunhando um jarro é uma metáfora dela mesma³⁴. Do jarro saem todos os males, restando somente o que Hesíodo coloca como *Elpís*, que é traduzida usualmente como “Esperança”. Entretanto este termo é dúbio:

‘Elpís’ é ambígua, liga-se tanto à pré-ciência de Prometeu quanto à irreflexão de Epimeteu. Ela é a esperança ambígua, temos e esperança a uma só vez, previsão cega, ilusão necessária, bem e mal simultaneamente. Não nos esqueçamos de que o verbo

³⁰ Hes. *Op.* 83-105.

³¹ LAFER (1996) 60.

³² Dora e Erwin PANOFKY (1962) informam que a tradição de Pandora abrir uma caixa não é grega, mas já do século XVI de nossa era, fundada por Erasmo de Rotterdam.

³³ VERNANT (1990) 187.

³⁴ LAFER (1996) 68.

élpomai é menos “ter esperança” do que “expectar”, e Elpís, no sentido de “esperança”, é apenas uma especialização do significado de ‘expectação’³⁵.

Deste modo, a expectativa, o ato de esperar, a expectativa, pode sugerir tanto algo bom quanto algo mal, o que é a própria acepção de Pandora: a bela e ideal mulher que acaba por distribuir os engodos e malefícios a toda a Humanidade. Como Hesíodo pretendia, primordialmente, demonstrar nesta obra a involução da raça humana, saindo de uma idade do ouro e decaindo, Pandora, assim como todos os males que ela distribuiu, faz parte desta involução, de uma miséria humana da idade do ferro³⁶.

Há ainda, na comédia de Aristófanes *As Aves*, representada em 414 a.C. nas Dionísias Urbanas, na cidade de Atenas, uma ligeira menção à figura de Pandora. No tempo de Aristófanes, Pandora seria uma figura ainda mais obscura, e o ritual descrito remeteria para um certo arcaísmo³⁷:

INTÉRPRETE DE ORÁCULOS

Era ao céu que Bácsis se referia com estas palavras. Antes de mais é preciso sacrificar a Pandora um carneiro de lã branca. E àquele que primeiro se apresentar como intérprete das minhas palavras, seja concedido um casaco asseado e sapatos novos³⁸.

O oráculo de Bácsis, localizado provavelmente na Beócia³⁹, diz ao ateniense Pistetero que, mesmo após fundar a cidade de Nefeloculândia — uma cidade acima das nuvens, feita com o intuito de fugir da corrupção que assolava Atenas durante a Guerra do Peloponeso —, este deveria realizar sacrifícios em honra de Pandora.

O carneiro era considerado um animal de sacrifício por excelência e, principalmente o da cor branca, simbolizava a doçura e a pureza⁴⁰, se configurando como um ser imaculado. Embora Pandora possa ter sido descrita por Hesíodo como a mulher causadora de males, esta era a personificação de uma *melissa* já no período arcaico. Apesar de sabermos que entre a afir-

³⁵ LAFER (1996) 74.

³⁶ VERNANT (1990) 38.

³⁷ HARRISON (1903) 283.

³⁸ Aristoph. *Av.* 970-974.

³⁹ SILVA (2006) 124.

⁴⁰ CHEVALIER (1986) 344.

mação de uma ideologia e a prática social existia um distanciamento, é mister que a mulher idealizada da sociedade ática era a do modelo de *melissa*, do que se costumou denominar de “mulheres bem-nascidas”⁴¹. Para a Pandora aristofânica deste período clássico, deveria ser sacrificado um animal símbolo da pureza, ou seja, associando o sacrifício a características da mulher ideal.

Na cerâmica possuímos pouquíssimas representações de Pandora⁴². Para ser mais específico, duas imagens representam a deusa — o LIMC ainda referencia outra, todavia, como se encontra danificada, é possível visualizar somente parte das pernas e os pés das figuras nela presentes. As duas são datadas do século V a.C. A primeira aparece em um *krater* e foi pintada por um integrante do Grupo de Polignoto⁴³. Embora, à primeira vista, esta cena possa parecer o ato de nascimento de Pandora, pois a deusa parece sair da terra, não se trata deste momento, e sim do casamento de Pandora com Epimeteu⁴⁴.

Apesar de a deusa estar adornada como noiva, com *chiton*, coroa e véu, não é por este motivo que chegamos a esta conclusão, pois, nos poemas de Hesíodo, Pandora, assim que nasce já vem vestida comouma noiva. O que nos faz crer que este é o momento do matrimônio é a presença de duas figuras. Primeiramente Epimeteu, que está a dar a mão a Pandora; o titã traja um *chiton* curto e segura um martelo na outra mão. O martelo é um simbolismo de Hefesto, que em Hesíodo o utiliza no fabrico de Pandora.

Jean-Pierre Vernant informa que outras versões existiriam e Prometeu, ou mesmo Epimeteu — como pode ser conferido na imagem — é quem confecciona a deusa⁴⁵; este ceramista de Polignoto provavelmente

⁴¹ LESSA (2010) 27.

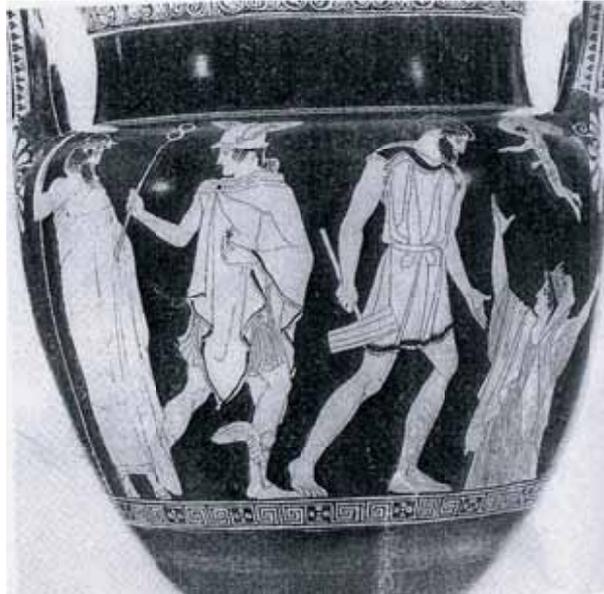
⁴² Informamos que as duas imagens trabalhadas neste artigo foram retiradas do *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*, e aqui estão sendo dadas as devidas referências.

⁴³ Grupo de artistas lideradas por Polignoto, brilhante pintor de figuras vermelhas. Este grupo era composto, provavelmente, por ex-alunos seus.

⁴⁴ HARRISON (1903) aponta que, devido a elementos familiares da cena, como uma jovem saindo do chão e a presença de Hermes, esta cena também foi confundida com a ascensão de Perséfone ao mundo dos vivos.

⁴⁵ VERNANT (1990) 188.

retratou esta versão paralela, que inclusive poderia constar em alguma outra “Teogonia”, de outro autor, que não sobreviveu até os dias de hoje. O irmão de Prometeu, e agora concordando com os Poemas Hesiódicos, é quem desposa a deusa, e parece cortejá-la. Acima da cabeça de Pandora sobrevoa uma criatura alada; poderia ser Hímero⁴⁶ ou Poto⁴⁷, divindades associadas a Afrodite e seu filho Eros, que representam o erotismo, o desejo sexual e a luxúria, atestando que esta mulher veio para seduzir e para causar conflitos nos sentimentos amorosos.



Localização: Museu de Oxford, nº 525. Procedência: Ática. Forma: Cratera. Data: séc. V a.C.

Atrás de Epimeteu encontramos Hermes. Na mão direita o deus empunha seu caduceu, que neste caso está apontado para cima. O caduceu apontado para cima indicaria uma cena em contexto ctônico; destarte outro momento em que o caduceu de Hermes também se encontra em vertical é

⁴⁶ Um gênio que acompanha Eros no cortejo de Afrodite. É o símbolo do desejo amoroso.

⁴⁷ Provavelmente filho de Afrodite, não se distingue substancialmente de Hímero, acompanhando este e Eros no cortejo da deusa.

quando o deus está na companhia de Zeus⁴⁸, e é este o caso desta cena. Na outra mão Hermes segura uma pequena flor, provavelmente um presente de casamento, ou ainda uma simbologia de que o deus está adornando Pandora.

À esquerda, na periferia da cena, se encontra Zeus, que olha para Hermes e vice-versa; é Zeus quem oferece a deusa a Epimeteu, em um ardil. A imagem está em consonância com o que foi retratado, sobretudo, em *Os Trabalhos e os Dias*, pois, na obra, Zeus envia Hermes para que este leve o “dom”, ou seja, o mal materializado em Pandora, para Epimeteu. O deus do Olimpo está à espreita, aguardando o final da sua vingança, que já estaria próxima com o casamento de Pandora e Epimeteu.

A dupla de figuras retratada pelo artista se olha: tanto Epimeteu e Pandora quanto Hermes e Zeus fitam-se. Conforme a leitura semiótica proposta por Claude Calame, podemos atestar que as figuras estão de perfil, ou seja, a comunicação é interna e limitada aos personagens da cena, havendo cumplicidade entre os personagens⁴⁹. Todavia, o encontro de olhares complementa o significado da cena: o casal Epimeteu e Pandora se olha em sinal de cumplicidade e de uma *phília*, pois estão prestes a se casar. Já a dupla Hermes/Zeus também demonstra cumplicidade ao trocarem olhares, destarte associada ao castigo que Zeus irá imputar: concordando com a tradição hesiódica, o pintor representa o pedido de Zeus a Hermes, para que sejam colocadas no ser as características maléficas antes especificadas por nós.

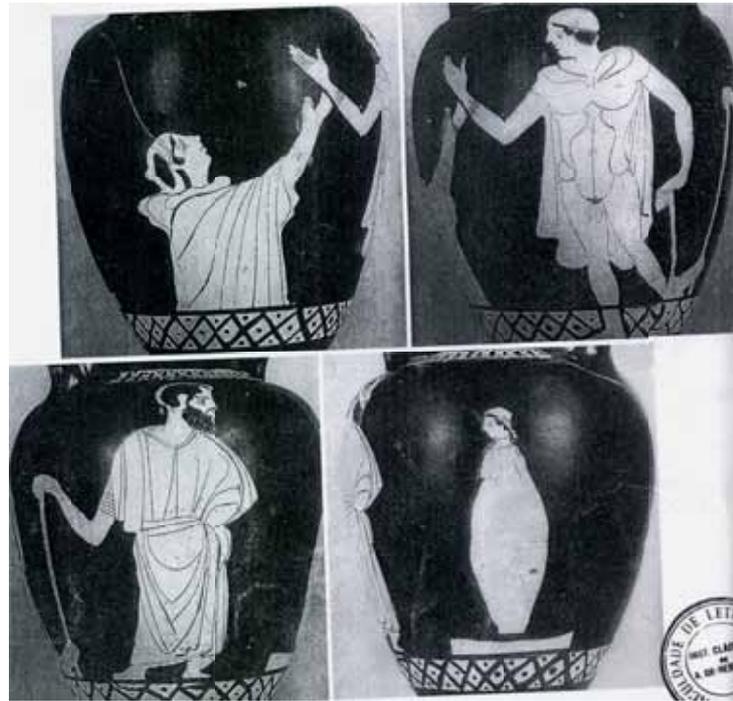
Em outra ânfora, onde é possível analisar todas as suas faces, datada do final do século V a.C., é a única imagem de que dispomos que retrata o jarro que Hesíodo descreve. Na primeira face o artista pertencente ao Grupo Coruja-Pilar⁵⁰ pinta Pandora, que veste um *peplos* e, da mesma forma que na imagem apresentada anteriormente, parece se encontrar debaixo do chão. Ela está de frente para Epimeteu, que aqui é representado mais jovem, todavia com seu martelo, no qual se encontra apoiado; o titã traja somente uma *clâmide*, estando seminu, e tem a cabeça coberta por um adorno. O fato

⁴⁸ SIEBERT (1990) 381.

⁴⁹ CALAME (1986) 175.

⁵⁰ Este grupo de artistas de figuras vermelhas recebe este estranho nome devido a um dos temas encontrado em um artefato: uma coruja de pé sobre um pilar. O grupo se dedicou, sobretudo, à pintura em ânforas.

de estar praticamente nu é um código, que atesta que se trata de um belo herói, um semideus ou ainda um guerreiro⁵¹. Neste caso, Epimeteu é uma criatura que se eleva à ideia de herói, de benfeitor e poderoso. Todos os personagens foram representadas de perfil, o que denota uma cena de interação interna, onde não há a participação do receptor. As figuras também se olham, demonstrando que esta interação se dá com cumplicidade: as personagens estão concentradas em suas ações.



Localização: Londres, Museu Britânico, F 147. Procedência: Basilicata Forma: Ânfora.
Data: final do séc. V a.C.

Na face seguinte um homem de barba trajando chiton olha para um jarro. Esta é a imagem fruto de controvérsias. Primeiramente porque não é

⁵¹ RODRIGUES (2011) 212.

possível identificar quem é o homem: se se trata de Prometeu, que olha uma de suas criações — um ser humano feito a partir do barro — ou ainda Hefesto, que já havia findado Pandora e também se encontra apoiado no martelo, seu instrumento de trabalho. O LIMC não define quem seria na imagem mas, lançando mão da descrição de Jane Harrison, que sugere que o homem é praticamente deformado em sua aparência⁵², concordamos que se trata mesmo de Hefesto, o deus feio e coxo, além de este portar o martelo, símbolo que o identifica. O deus olha curiosamente a criatura com cabeça de mulher e tronco de jarro.

Embora Manfred Oppermann (1994), que escreve sobre Pandora no LIMC, tenha identificado a figura feminina que parece sair da terra como Pandora, Jane Harrison, muito tempo antes das análises de Oppermann, nos traz uma versão distinta. Para a autora, a figura feminina no jarro é Pandora, enquanto a outra mulher seria Perséfone/Cora⁵³. Se analisarmos a primeira mulher, ela não está ricamente adornada e muito menos se assemelha a uma noiva, como sugerem tanto os Poemas Hesiódicos quanto a imagem anterior. Percebendo estas características, poderia mesmo ser Cora a figura pintada. Todavia não encontramos relação mítica de Cora com Epimeteu, de forma que o contexto de subida ao mundo dos vivos estaria completamente descaracterizado do usual e, principalmente, irreconhecível a quem fosse interpretar a cerâmica e, sobretudo, adquiri-la.

Por outro lado, acreditamos que a “mulher jarro” possa ser Pandora e o pintor utilizou-se de uma alegoria, associando o simbolismo do jarro à mulher que o carrega; Hefesto fabrica Pandora, manipulando o barro da mesma forma que manipularia esta matéria para confeccionar um *phitos*. Harrison lança mão como argumento central à questão do martelo, que é visto tanto nesta cena como na apresentada anteriormente. Em algumas imagens isoladas de Perséfone/Cora, um martelo como o de Hefesto é simbolizado; o martelo também era utilizado para quebrar torrões de terra, pois a pá parecia ser desconhecida até a idade do ferro. O que pode ter ocorrido é uma *contaminatio*, uma contaminação do mito de Perséfone/Cora

⁵² HARRISON (1903) 280.

⁵³ HARRISON (1903) 282.

com o de Pandora, devido ao martelo: “May they not have arisen in connection with the myth of the making of Pandora, and then, by confusion, passed to the Anodos of Kore”⁵⁴.

Desta forma o martelo, que está presente na narrativa mítica de Pandora, passou a ser adjudicado também ao mito de Perséfone/Cora, fazendo com que as duas divindades se confundissem em alguns aspectos, criando uma intersecção que pode ter sido retratada na arte grega. Embora consideremos difícil atestar certamente que a figura feminina seja Cora emergindo do submundo, concordamos que a mulher com corpo de jarro possa ser uma releitura simbólica de Pandora, atrelando a deusa ao elemento que a identifica.

Independentemente das similitudes entre Pandora e outras divindades, até de outros panteões paralelos — como o judaico-cristão —, o caso é que esta criatura, vinda do barro e representando os males femininos, possui um forte apelo telúrico pois, além de se ligar a alguns mistérios, também se associa ao elemento terra, à fecundidade sexual e aos artifícios ctônicos de fertilidade, nascimento por meio do solo e sementeira. Pandora é mais um exemplo claro de ser mítico que convive com algumas acepções olímpicas e ao mesmo tempo assume um caráter ctônico, no fundo um dualismo clássico na cultura grega.

A primeira mulher, um castigo dos deuses, fruto de um engano congeminado por meio de um estratagema, representa socialmente a própria idealização de uma comunidade assente em ideias patriarcais, sob o poder político e econômico masculino em detrimento do feminino. Esta analogia entre a mulher e os males, entre Pandora e o castigo dos deuses, pode ser interpretada como o caráter da sociedade helênica da época: por meio de uma alegoria religiosa ou de escritos que partem de um princípio de narrativas míticas se torna possível traçar um panorama de aspectos da sociedade da época em que os documentos foram produzidos.

⁵⁴ HARRISON (1903) 282.

Referências:**Fontes:**

- AMORGOS, Semônides de, *Sátira Contra as Mulheres — fr 7, 1-6*, trad. Maria F. BRASETE: *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 7 (2005) 153-162.
- ARISTÓFANES, *As Aves*. Trad. Maria de Fátima de Sousa e SILVA, Lisboa, Edições 70, 2006.
- HESÍODO, *Os Trabalhos e os Dias*. 3ª edição, trad. Mary de Camargo Neves LAFER, São Paulo, Iluminuras, 1996. [edição bilíngue português-grego].
- HESÍODO, *Teogonia*. Trad. Jaa TORRANO, 3ª edição, São Paulo, Iluminuras, 1995 [edição bilíngue português-grego].
- Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae — Vol. VII: Oidipous-Theseus*. Zürich, München, Düsseldorf, Artemis & Winkler Verlag.

Bibliografia:

- CALAME, Claude (1986), *Lé Récit em Grèce Ancienne: énonciations et représentations de poètes*. Paris, Meridiens Klincksieck.
- CHEVALIER, Jean (1986), *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona, Editorial Herder.
- GRIMAL, Pierre (2000), *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro, Bertrand.
- HARRISON, Jane (1903), *Prolegomena to the Study of Greek Religion*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LAFER, Mary de Camargo Neves (1996), “Os mitos: comentários”: *Os Trabalhos e os Dias*. 3ª edição. São Paulo: Iluminuras, 53-94.
- LERNER, Gerda (1986), *The Creation of Patriarchy*. Oxford, Oxford University Press.
- LESSA, Fábio de Souza (2010), *Mulheres de Atenas: Mélissa — do Gineceu à Ágora*. Rio de Janeiro, Mauad X.
- OPPERMANN, Manfred (1994), “Pandora”: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae — Vol. VII: Oidipous-Theseus*. Zürich, München, Düsseldorf, Artemis & Winkler Verlag.
- PANOFSKY, Dora; PANOFSKY, Erwin (1962), *Pandora's Box: the changing aspects of a mythical symbol*. 2ª edição. Nova York, Bollingen Foundation.

- REEDER, Ellen D. (org.) (1995), *Pandora: Women in Classical Greece*. Baltimore/Maryland, The Walters Gallery of Art; Princeton/New Jersey, Princeton University Press.
- RODRIGUES, Nuno Simões (2011), “A Nudez do Guerreiro Grego”: *Humanitas* 63 (2011) 201-216.
- SCHMITT, Jean-Claude; VERNANT, Jean-Pierre (2002), *Eva et Pandora: la création de la femme*. Paris, Gallimard.
- SIEBEERT, Gérard (1990), “Hermes”: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae - Vol. V: Herakles-Kenchrias*. Zürich, München, Düsseldorf Artemis & Winkler Verlag.
- SILVA, Cristina Isabel Lucas (2008), *Visões do Feminino nos Epinícios de Píndaro*. Coimbra, Universidade de Coimbra, Departamento de Estudos Clássicos (Tese de Mestrado).
- SILVA, Maria de Fátima Sousa (2006), “Introdução”: *As Aves*. Lisboa, Edições 70.
- VERNANT, Jean-Pierre (1990), *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Resumo: Quando nos referimos à questão da mulher na sociedade Helênica enfrentamos muitos caminhos diferentes, que nos levam a parâmetros adicionais. Neste artigo, alvitraremos um estudo de caso de eventos religiosos gregos — tanto em documentos textuais quanto em imagens — relacionados à Pandora, a primeira mulher mortal criada pelos seres divinos. Proporemos uma reflexão sobre o conceito e a imagem desta divindade, e como a análise das fontes pode, em alguns aspectos, refletir o ideal grego da figura feminina.

Palavras-chave: Pandora; Mulher grega; Hesíodo; religiosidade; iconografia.

Resumen: Cuando nos referimos a la cuestión de la mujer en la sociedad helénica nos deparamos con muchos caminos diferentes que nos llevan a parámetros adicionales. En este artículo planteamos un estudio de caso de hechos religiosos griegos — tanto en documentos textuales como en imágenes — relacionados con Pandora, la primera mujer mortal creada por los seres divinos. Propondremos una reflexión sobre el concepto e imagen de esta divinidad, y cómo puede reflejar el análisis de las fuentes, en algunos aspectos, el ideal griego de la figura femenina.

Palabras clave: Pandora; Mujer griega; Hesíodo; religiosidad; iconografía.

Résumé: Quand nous abordons la question de la femme dans la société Hellénique, nous devons relever d'innombrables défis, qui nous conduisent d'ailleurs à des paramètres supplémentaires. Dans cet article, nous proposons une étude de cas d'événements religieux grecs — à partir de documents textuels et iconographiques — liés à Pandore, la première femme mortelle créée par les êtres divins. Nous présenterons une réflexion sur le concept et l'image de cette divinité, et nous essayerons de démontrer en quoi l'analyse des sources peut, dans certains cas, refléter l'idéal grec de la figure féminine.

Mots-clés: Pandore; Femme grecque; Hésiode; religiosité; iconographie.